

Grandes empresários se unem para tentar impedir incêndio histórico no Pantanal

A saga dos proprietários de terra no Pantanal que procuram reconstruir a região, salvar os animais e ajudar os pantaneiros a seguirem com suas vidas no bioma que queima todos os anos

Por **Daniela Chiaretti** — De São Paulo

19/08/2024 05h01 · Atualizado há 6 horas

Presentear matéria



Arca de Noé: As onças-macho Divino e Tamburé buscam abrigo do Sol e do solo queimado nas manilhas da Caimã; uma delas divide o espaço com uma jaguatirica em um acordo de paz entre presa e predador — Foto: Onçafari

O Pantanal, a maior área úmida do mundo, está secando. As chuvas de alguns dias atrás deram uma trégua e a porção sul do bioma parou de queimar intensamente, mas incêndios continuaram ao norte e as temperaturas voltaram a subir. O fogo

devastou mais de 1,5 milhão de hectares ou 10% do bioma - até agora. A preocupação é que a temporada de incêndios supere a de 2020, que queimou 26% do ecossistema e matou mais de 17 milhões de animais. Teme-se o que vem pela frente: o pico da estação seca ocorre em setembro e outubro. “A situação é muito grave, mas vamos lutar para salvar o Pantanal”, diz Teresa Bracher, ambientalista, proprietária de terras na região e apaixonada pelo bioma.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Ao usar o sujeito da frase no plural, Teresa fala por um grupo de empresários que viram suas fazendas queimar, de novo, este ano - e, resilientes, nem pensam em desistir do lugar. “O esforço de todos foi enorme, mas o resultado foi pífio. A queima e a destruição foram muito além do que a gente previa”, reconhece Roberto Klabin, ambientalista e proprietário da Caimã, famoso refúgio ecológico do Pantanal. Em Nhecolândia e Miranda, o Pantanal Sul, como dizem, perderam-se mais de 300 mil hectares que queimaram em dez dias. “O fogo parece ser o novo normal da nossa região. E fogo é esterilizante. Temos que nos preparar: o jeito que estamos fazendo não é suficiente”, diz Klabin.

Proprietários de 12 fazendas no Pantanal Sul já haviam se reunido em 2022 na Aliança 5P, entidade criada com o objetivo de formar um dos maiores corredores privados de vida selvagem do planeta. Além de Klabin e Teresa e Candido Bracher (acionista e ex-presidente do Itaú Unibanco), estão Lilian e André Esteves (BTG Pactual), Camilla Schweizer (Fazenda Barranco Alto), Alexandre Bossi (Pandhora Investimentos) e outros.



Teresa Bracher: “Se os brasileiros não se unirem para salvar o Pantanal, o bioma será lambido pelo fogo” — Foto: Onçafari

Eles investem em poços para alimentar açudes na seca e ter água para os animais e os caminhões-pipa. Articulam brigadas integrando o combate ao fogo com bombeiros e governos federal e estaduais. Usam drones para ver para onde o incêndio caminha. Compram grandes volumes de frutas e legumes para os animais herbívoros que sobreviveram, mas não têm o que comer. “Os governos estão atentos, os pantaneiros estão atentos, os proprietários estão atentos. Mas temos que nos organizar melhor”, diz Bossi, presidente da SOS Pantanal. “O Brasil nunca sofreu desse jeito, com incêndios dessas proporções. Temos que aprender.”

Um caminho, acredita, é o país ter uma legislação “premium” para se adequar ao futuro. Seria inspirada nas de Canadá, Austrália, Portugal, Grécia e outros países que convivem com grandes incêndios florestais. Outra frente, defende, será abrir novas discussões públicas. “Temos de usar retardante em vez de jogar só água, uma tecnologia usada na Europa e no Canadá, mas não no Brasil.”

Bossi lembra que o país vive uma estiagem recorde e, porque fica muito tempo sem chover, qualquer foco se torna um incêndio de grandes proporções. Cita avanços em relação ao desastre que o Pantanal viveu em 2020. “Os dois governos estaduais,

principalmente o de Mato Grosso do Sul, e o governo federal estão muito sensíveis ao que vem acontecendo. Isso é positivo e em 2020 não existia”, registra. “Agora temos aviões e há uma articulação entre governos”, diz.



Volta à vida: veterinário Ricardo Arrais e Melancia, filhote de anta resgatado com as patas queimadas e quase morta — Foto: Gabriel Reis/Valor

Há 15 dias o presidente Lula sancionou a lei que institui a Política Nacional de Manejo Integrado do Fogo. “Indica que se pode manejar o fogo na época certa”, segue Bossi. No Pantanal chove de novembro a abril. A seca começa em maio e chega ao auge em setembro e outubro. “A ideia é queimar matéria orgânica logo depois da cheia e tirar combustível para o fogo não se alimentar depois.”

A tragédia que devasta o Pantanal desde junho tem cenas de arca de Noé para os animais que sobreviveram ao fogo e à fumaça. Sem ter o que comer e fugindo do sol e do solo quente, os bichos machucados se refugiam onde podem. Nos 30 quilômetros de uma estrada que sai da Caimã há 11 manilhas colocadas para que as águas escoem na cheia. Em épocas normais, e com sorte, encontra-se ali uma

onça abrigada nas horas mais quentes do dia. Depois do fogo, Mario Haberfeld, fundador do Onçafari, percorreu a estrada à procura de animais machucados.

Das 11 manilhas, oito tinham onças pintadas. “Como queimou muito e não havia mais sombra, os bichos não tinham onde ficar. Escolheram as manilhas como refúgio porque são mais frescas. Vimos coisas inacreditáveis, como duas onças-machos dividindo a mesma manilha. Depois um saiu e foi para a manilha ao lado, onde já estava uma jaguatirica. Rosnaram e se aquietaram, uma coisa incrível.”

Ele conta que resgataram duas antinhas, uma delas com seis meses de idade, a Melancia. “A mãe provavelmente morreu no incêndio. Estava com as patas queimadas e não se mexia. Se a encontrássemos meia hora depois, teria morrido”, diz. Uma onça, a Itapira, ficou três dias sem sair de uma manilha. Queimou as quatro patas e exige tratamento longo. Salvaram jabutis, cotias, tucanos e quem encontraram pela frente. “Não adianta ficar chorando. Temos que fazer tudo para ajudar os que sobreviveram.” Abrem mais poços para os bichos terem água na seca, e os brigadistas apagam o fogo.

Outra campanha tem sido comprar legumes e frutas, prepará-los e espalhá-los em vários pontos para os herbívoros. Fazem isso nas instalações da Caimã, fechada por dois meses apesar de estar lotada de reservas. “Não tem pasto, nem folha, nem nada para quem sobreviveu”, conta Haberfeld. Os bichos que não morreram queimados ou sufocados correm o risco de sucumbir à fome e à sede.

A Caimã já havia sofrido com um fogo forte em 2019, provocado pelo funcionário de uma fazenda que queimou lixo. “Foi o caos, mas ali aprendemos um pouco. Imaginamos que tinha sido a coisa mais catastrófica do mundo até ter experimentado esse fogo agora”, conta. Em 26 de julho, um caminhão que levava suprimentos para a reforma da escola em fazenda recém-adquirida por Teresa Bracher atolou em um areal. Nos esforços para tirá-lo de lá, o velho motor soltou uma faísca. Foi o suficiente. “Queimou à esquerda, à direita, ao norte e ao sul, uma coisa dantesca”. O fogo andou 80 quilômetros e chegou à Caimã em 1º de agosto. Queimou a reserva, os pastos, os capões, as cordilheiras, só poupou a casa. “O pior de tudo é o efeito nos animais. É dramático.”

Dentro da Caimã há três institutos: o Onçafari, o Arara Azul e o do tamanduá-bandeira. “Estão todos, com a nossa ajuda, recolhendo animais para fazer o primeiro

socorro. Além disso, a equipe prepara frutas e legumes e os distribui em 15 pontos na fazenda, que vamos aumentar para 30. A fauna ficou sem ter o que comer. Tentamos dar energia para os animais para que possam sobreviver até que o lugar esteja verde de novo. O objetivo da Caimã é ser uma fazenda de produção da natureza. Queremos ser uma arca de Noé.”

Neste ano, Teresa Bracher sofreu com incêndios em duas fazendas. Em maio, um extrativista foi apanhar mel em uma árvore e acendeu fogo para espantar as abelhas. A secura do ar e do solo criou um incêndio de grandes proporções que durou duas semanas e queimou 20 mil hectares do lado oeste da Santa Teresa, que está às margens do rio Paraguai, na fronteira com a Bolívia. Em julho, soldados bolivianos de um destacamento vizinho à porção oriental da propriedade atearam fogo para queimar lixo. O fogo se alastrou, mas, como se trata de espaço aéreo boliviano, os aviões ficaram parados em Corumbá, sem poderem agir. “O que resolveu foi a chuva que chegou. Mas aí queimou a outra metade da fazenda”, conta ela.

Em 2020, o fogo já havia queimado meia fazenda; em 2021, o incêndio queimou a outra metade. E em 2024 o fogo atingiu a fazenda inteira. “Baixa umidade do ar, seca extrema do solo, temperatura alta por conta da mudança climática e ventos fortes: quando se juntam estes quatro ingredientes, o que se tem é o inferno na terra. O fogo faz parte do bioma, mas não desse jeito. Se os brasileiros não se unirem para salvar o Pantanal, o bioma será lambido pelo fogo.” Klabin concorda: “Vamos nos reerguer, estamos trabalhando para isso. Agora, quanto tempo essa região vai aguentar, sinceramente, não sei”.

“Há uma expressão em inglês, ‘canary in the coal mine’, e o Pantanal é isso”, diz Teresa Bracher. A frase remete ao hábito de carvoeiros ingleses levarem um canário em uma gaiola ao descerem às minas. O passarinho desmaiaria com vazamento de gás inodoro e letal. “Esse era o alerta para todos saírem correndo. O Pantanal é nosso canário na gaiola. É o aviso que estamos no caminho da destruição”, diz. “Temos de parar de emitir. O mundo tem de entrar em outra rota”.

No site recuperapantanal (recuperapantanal.com.br) pode-se doar para ações de reconstrução e ajuda à fauna

Agora o Valor Econômico está no WhatsApp!

Siga nosso canal e receba as notícias mais importantes do dia! [CONHECER >](#)

Recomendadas para você

Brasil



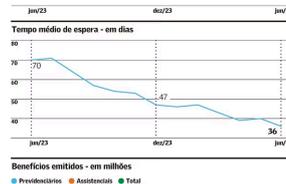
Como Silvio Santos dividiu a herança milionária para as filhas e a mulher em testamento antes de morrer

Política



Nunes, Boulos e Datena cancelam participação no terceiro debate entre candidatos em SP

Brasil



INSS vê fila de espera cair e suspeitas de fraude aumentar

Legislação



Empresa vence discussão sobre 'tese do século'

Comentários

Seja o primeiro a comentar!